

A expansão das consciências socioideológica e linguística em prática de análise linguística de perspectiva dialógica

The expansion of socioideological and linguistic consciousnesses in linguistic analysis practice from a dialogical perspective

Adriana Delmira Mendes Polato

Universidade Estadual do Paraná

Renilson José Menegassi

Universidade Estadual de Maringá

Resumo: Neste artigo, defende-se que as consciências socioideológica e linguística dos sujeitos em situação de ensino e aprendizagem da língua são expandidas a partir de prática de análise linguística de perspectiva dialógica, com o trabalho de atividades epilinguísticas valorativas. Ancora-se na perspectiva sociológica e dialógica de linguagem do Círculo de Bakhtin para discutir conceitos sustentadores e balizadores da discussão, como consciência socioideológica, signo ideológico, discurso interior, tema, entonação e outros, em enunciado produzido por deputado brasileiro em 2022. As discussões demonstram como as atividades epilinguísticas, em diferentes categorias, enfocam o plano axiológico-ideológico da língua/discurso e medeiam a interação autor-interlocutor-tema no enunciado, a inter-relacionar e promover a expansão das consciências socioideológica e linguístico-enunciativo-discursiva.

Palavras-chave: Consciência socioideológica; Prática de análise linguística de perspectiva dialógica; Atividade epilinguística

Abstract: In this paper, we argue that the socioideological and linguistic consciousnesses of students in language teaching and learning situations are expanded in a dialogical linguistic analysis practice, based on the work with epilinguistic evaluative activities. We are anchored on Bakhtin's Circle sociological and dialogical perspective of language to discuss concepts that sustain and guide our discussion, such as socioideological consciousness, ideological sign, inner speech, theme, intonation, and others, in a enunciate by a deputy from 2022. The discussions show how epilinguistic activities, in different categories, focus on the axiological-ideological plane of language/

discourse and mediate the author-interlocutor-theme interaction in the enunciate, to interrelate and promote the expansion of socio-ideological and linguistic consciousness.

Keywords: Socioideological consciousness; Dialogical perspective linguistic analysis; Epilinguistic activity

Considerações iniciais

A relação entre (in)consciente¹, sujeito, linguagem e ideologia é tema controverso, como também sumariamente relevante à compreensão e à produção discursiva responsável e ética em situação de ensino de língua. Por vezes, a expressão “uso consciente da linguagem” é mal interpretada. Do ponto de vista do Dialogismo, a consciência já é sempre socioideológica, porque se forma mediada pelos signos, também ideológicos e em constante reavaliação nos enunciados que encerram interações discursivas mediadoras de relações sociais entre sujeitos datados em dado cronotopo².

Assim, neste texto, o objetivo é defender que as consciências socioideológica e linguístico-enunciativo-discursiva³ do sujeito aluno são expandidas, no sentido de ampliadas, estendidas, dilatadas, prolongadas, em práticas de análise linguística de perspectiva dialógica (POLATO, 2017; POLATO; MENEGASSI, 2017, 2019, 2020; COSTA-HÜBES, 2017; ACOSTA PEREIRA, 2018; SANTOS-CLERISI, 2020), a partir de atividades epilinguísticas valorativas (MENDES-POLATO; MENEGASSI, 2021), que enfocam o plano axiológico-ideológico da língua/discurso, no ensejo da interação autor-interlocutor/aluno-tema, a qual é formadora do enunciado (VOLÓCHINOV, 2019[1926]) e da enunciação específica que ocorre em seu entorno na sala de aula. A aula é por nós considerada acontecimento único (GERALDI, 2010).

Tal tarefa requer uma organização metodológica em três desdobramentos: a) apresentar o que é a consciência socioideológica na perspectiva do Círculo de Bakhtin, como se forma e como se relaciona com a consciência linguístico-enunciativo-discursiva. Arrolamos nessa discussão conceitos inter-relacionados como signo ideológico, língua, ideologia, interação discursiva, enunciado, discurso interior, axiologias e outros; b) apresentar o que é a prática de análise linguística de perspectiva dialógica e o que representam as atividades epilinguísticas valorativas em seu íterim; c) exemplificar e justificar como a expansão das consciências socioideológica e linguístico-enunciativo-discursiva ocorre em prática de análise linguística de perspectiva dialógica.

O exemplo analítico é construído a partir de uma das declarações machistas do deputado Arthur do Val (PODEMOS – SP), compartilhada em áudio com amigos políticos homens em grupo restrito de *WhatsApp*, a expressar que as mulheres ucranianas, submetidas ao contexto da guerra com a Rússia em 2022, “São fáceis, porque são pobres”. Vazado o áudio, foi publicizado à imprensa em geral e

1 Entendemos que as divergentes interpretações sobre a questão do sujeito consciente nos estudos da linguagem, em especial, a partir das diferentes perspectivas de análises do discurso, são legítimas do ponto de vista de suas distintas ancoragens teórico-metodológicas. Do ponto de vista dialógico, a ideia de inconsciente é reinterpretada a partir da noção central do que se nomeia de consciência socioideológica, como este texto procura mostrar.

2 O conceito de cronotopo será discutido na seção 4.

3 Em perspectiva dialógica, a língua é discurso em sua integridade viva. Enunciar requer avaliar as situações amplas e imediatas de interação discursiva, reconhecê-las e constitui-las concretamente no enunciado. Daí a expressão integrada “linguístico-enunciativo-discursiva”, a contemplar todos os elementos da enunciação.

nas redes sociais, a gerar uma ampla polêmica social e uma série variada de reações verbalizadas.

A proposta de prática de análise linguística vinculada à leitura desse enunciado de autoria do deputado se desenvolve teórico-metodologicamente guiada por princípios dialógicos (MENDES-POLATO; OHUSCHI; MENEGASSI, 2020), em direcionamento de prospecção de trabalho a uma turma de 1º ano de Ensino Médio, a se destacar a inserção e o papel das atividades epilinguísticas valorativas, como mediadoras da interação autor-interlocutor/aluno-tema, a partir do que demonstramos, do ponto de vista teórico, em que medida expandem as consciências socioideológica e linguístico-enunciativo-discursiva do aluno.

As consciências socioideológica e linguística na visão do Círculo de Bakhtin

As discussões do Círculo de Bakhtin em torno da relação entre a consciência, a linguagem, o sujeito e a ideologia são densas e se constroem a partir das tensões fronteiriças com outros campos de investigação, como Filosofia, Psicologia e Linguística. Para cá, recortamos as discussões teóricas mais expressivas e fundantes sobre o tema, dispostas nas obras: *Marxismo e filosofia da Linguagem* (VOLÓCHINOV, 2018 [1929/1930]), doravante MFL, *Freudismo: um esboço crítico* (BAKHTIN, 2014[1927]) e no capítulo “O que é linguagem?” (VOLOCHÍNOV, 2013a [1930]) e outras complementares ao longo da discussão.

Na parte I de MFL, no capítulo intitulado “A ciência das ideologias e a filosofia da linguagem”, Volóchinov (2018 [1929/1930]) embate a filosofia idealista e os estudos culturais de cunho psicológico por situarem a ideologia na consciência ou como algo externo, dado, pronto, a ignorar que a compreensão se realiza por mediação sónica. Nesse intuito, o autor alinhava discussões para ressignificar o conceito de signo, para ele ideológico e não convenção abstrata, como apregoavam os estruturalistas. Assim, esclarece o papel dos signos para ininterrupta constituição da consciência socioideológica de sujeitos situados e participantes de interações discursivas. Nesse capítulo, Volóchinov (2018[1929/1930]) preconiza algumas premissas importantes a essa compreensão, conforme destacamos de modo sinótico no Quadro 1:

Quadro 1 – Premissas de MFL sobre o papel dos signos para constituição da consciência socioideológica

Continua...

- Signos veiculam ideologias em dada sociedade, a consumir valorações refratárias que lhe conferem o tempo espaço, a esfera ideológica, a situação de interação e os próprios sujeitos participantes do discurso. Portanto, o valor atribuído ao signo no enunciado reflete relações sociais entre sujeitos.
- Aos signos ideológicos, pode se aplicar qualquer categoria de avaliação ideológica.
- A consciência só passa a existir quando preenchida por conteúdo ideológico, “isto é, pelos signos” (VOLÓCHINOV, 2018[1929/1930]), p.95), apenas na e a partir da interação discursiva entre indivíduos socialmente organizados.
- Há uma cadeia ideológica que se estende de consciência em consciência, no processo de interação discursiva e nela o signo surge apenas no território interindividual, numa relação social intersubjetiva de alteridade.

Quadro 1 – Premissas de MFL sobre o papel dos signos para constituição da consciência socioideológica

Conclusão

- “A consciência individual se nutre dos signos, cresce a partir deles, reflete em si [...] a lógica da comunicação ideológica, da interação sógnica de uma coletividade” (VOLÓCHINOV, 2018[1929/1930], p.97).
- O signo é constante e cumulativamente revalorado em sua historicidade discursiva.
- O processo de compreensão de qualquer fenômeno ideológico passa pelo discurso interior.
- Todas as manifestações da criação ideológica, inclusive os signos não verbais, “são envolvidos pelo universo verbal” (VOLÓCHINOV, 2018 [1929/1930], p.100- 101) e dele não podem se apartar.
- A palavra é fenômeno ideológico por excelência, por absorver, integralmente, a função de ser signo refratário de valorações e ser o único signo capaz de adentrar a consciência humana, visto ser produzida pelo organismo individual sem ajuda externa.
- A palavra é médium que, “em síntese dialética entre o psíquico e o ideológico, entre o interior e o exterior, realiza se reiterada na palavra-enunciado” (VOLÓCHINOV, 2018[1929/1930], p. 140).
- A palavra é arena de lutas ideológicas e ponte entre os sujeitos em interação.
- “A consciência individual é um fato social e ideológico” (VOLÓCHINOV, 2018[1929/1930], p.97), portanto, socioideológica, em constante constituição, assim como a palavra da língua na sua qualidade de material primordial veiculador da ideologia.

Fonte: Os autores (2022)

Ao final de “A ciência das ideologias e a filosofia da linguagem”, Volóchinov prepara as bases para defender, no segundo capítulo, “O problema da relação entre a base e as superestruturas”, uma nova compreensão para a ideologia, a considerar seu funcionamento social engendrado às relações de mútua influência entre as infraestruturas e as superestruturas da organização social, cultural, política e socioeconômica. Essa interpretação expande a preconizada em *Freudismo: um esboço crítico* (BAKHTIN, 2014 [1927]), diálogo aqui considerado.

Volóchinov chama atenção à importância da comunicação cotidiana, por ser extremamente rica em conteúdo vinculado às vivências e por estar diretamente em contato com os processos produtivos, além de relacionar -se “com várias esferas ideológicas já formadas e especializadas” (VOLÓCHINOV, 2018[1929/1930], p. 99).

Como explica Miotello (2008), para Volóchinov (2013a[1930], 2018[1929/1930]) e Bakhtin (2014[1927]), existem duas categorias de manifestação da ideologia: a cotidiana e a enformada. Essas não são opostas, mas se interpenetram e se influenciam mutuamente. A ideologia do cotidiano brota e “é constituída nos encontros casuais e fortuitos, no lugar do nascedouro dos sistemas de referência, na proximidade social com as condições de produção e reprodução da vida” (MIOTELLO, 2008, p.168). Já a ideologia enformada procura implantar uma só concepção de produção no mundo. Assim, tenta enformar o valor dos signos, porque os sujeitos se refratam próprios e únicos a partir deles, de modo que as avaliações sociais consumadas em valoração sustentam condutas, atos, nas vivências. Mudar o valor do signo significa alterar formas de avaliar, conceber a vida e os fatos, alterar práticas e relações sociais. Em outras palavras, tenta-se engessar a vida, os sujeitos, para manutenção de assimetrias vantajosas, que cominam em relações de poder, por consequência, de poder econômico.

Os sistemas ideológicos se constituem em embate e, como explica Bakhtin (2014[1927]), “no seio da ideologia do cotidiano é que se acumulam aquelas contradições que, após atingirem certo

limite, acabam explodindo o sistema da ideologia oficial” (BAKHTIN, 2014[1927], p.88). Na base dos sistemas de produção estão as infraestruturas da organização social, as relações de trabalho, enquanto nas superestruturas urgem os conteúdos ideológicos resultantes de etapas da objetivação social (MIOTELLO 2008).

Desse modo, para Bakhtin (2014 [1927]), uma ideia só é forte e verdadeira se toca a existência social de um grupo, de uma coletividade. Por isso, a ideologia do cotidiano só tem força para afetar a ideologia enformada, oficial, se estiver encorpada em extratos superiores, a manifestar posicionamentos de grupos sociais e não de indivíduos. Nas vivências cotidianas e a partir delas, portanto, gestam-se as mudanças culturais, sociais e, em última instância, as mudanças legais. Nesse sentido, explica Freitas (1999, p.113) que a linguagem é atividade constitutiva dos sujeitos e de suas consciências e a palavra, em termos sociais, históricos, “é o elemento ideológico puro, pois transita dialeticamente tanto na infraestrutura econômica quanto na superestrutura dos sistemas ideológicos constituídos”.

Na parte II de MFL, Volóchinov avança, no capítulo “Duas tendências do pensamento filosófico-linguístico”, a estabelecer diálogo direto agora com a Linguística. Assim, embate o modo como os subjetivistas individualistas e os objetivistas abstratos concebem a relação entre a língua, a consciência e o ato discursivo. Para os subjetivistas, as leis da criação linguística são individuais e psicológicas e ignoram a dialética entre o psíquico e o ideológico, entre o interior e o exterior pela mediação da palavra. Já para os objetivistas, a língua é objeto abstrato, convencional, que não possui nada em comum com os valores ideológicos. Em embate a esses pressupostos, Volóchinov (2018[1929/1930]) defende que os sentidos se constroem em planos enunciativos, por sua vez, axiológicos e ideológicos, sendo o enunciado, em suas dimensões linguísticas e extralinguísticas, a unidade de análise eleita para se compreender como a língua/discurso ou qualquer outro material semiótico materializam avaliações sociais consumadas entre interlocutores – valorações - e, logo, relações sociais.

Nesse veio, Volóchinov (2018[1929/1930]) reafirma a língua como histórica, cultural, ideológica, visão que encontra reforço no que expressa Bakhtin (2015[1934-1935]), em *Discurso no Romance*, também em embate aos objetivistas: “Não tomamos a língua como um sistema de categorias gramaticais abstratas; tomamos a língua *ideologicamente preenchida*, a língua enquanto cosmovisão e até como uma opinião concreta que assegura um *maximum* de compreensão mútua em todos os campos da vida ideológica” (BAKHTIN, 2015[1934-1935], p.40, grifos do autor). O mesmo Bakhtin (2008 [1963], p. 207) reafirma, em *Problemas da poética de Dostoiévski*, que a língua é discurso “em sua integridade concreta e viva”.

Ao voltarmos a MFL, no capítulo “Língua, linguagem e enunciado”, disposto na parte II, Volóchinov preconiza que “o enunciado – de modo algum, pode ser reconhecido como fenômeno individual” (VOLÓCHINOV, 2018[1929/1930], p. 200). Para ele, o enunciado é inteiramente social, tese que encontra desenvolvimento no capítulo a “Interação discursiva”, no qual o autor reúne uma série de pressupostos teóricos para a defesa do método sociológico para estudo da língua/discurso.

Em ordem sequente, e conforme explicações desdobradas por Acosta Pereira (2018) e Acosta Pereira e Brait (2020), o método preconiza que o estudo da língua/discurso parta da análise das interações discursivas nas suas condições concretas de realização tempo-espaciais, em dada esfera da comunicação ideológica, em dada situação de interação discursiva, adentre aos enunciados mobilizados

em gêneros do discurso, eleitos como unidades de análise consubstanciadas pela criação ideológica, por sua vez, matizada na e a partir dos desenvolvimentos das bases econômicas. Por conclusão, desfecha-se na análise das formas habituais da língua, axiológica, ideológica e cumulativamente reflexas das valorações consubstanciadas nas dimensões extralinguísticas antecedentes.

As discussões em “Interação discursiva” (VOLÓCHINOV, 2018[1929/1930]) são completamente coerentes e complementares ao que Volóchinov (2019[1930]) apresenta em “A construção do enunciado”, onde discute a tríade axiológica de conceitos sobre valoração, entonação e extraverbal da enunciação. Ao lermos “Gêneros do discurso” (BAKHTIN, 2011[1979]), compreendemos como essa tríade se manifesta estilístico-composicionalmente na materialidade do enunciado modulado em gênero, a servir à expressividade do enunciado.

No último capítulo da parte II de MFL, intitulado “Tema e significação na língua”, Volóchinov (2018[1929/1930], p. 238) defende que “a ampliação do horizonte valorativo dos sujeitos se realiza de forma dialética, à medida que “novos aspectos da existência passam a integrar o *horizonte* de interesses sociais e que são abordados pela palavra e pelo *pathos*” (VOLÓCHINOV, 2018[1929/1930], p. 238, grifos do autor).

A interpretação dialógica decorrente é de que o valor da palavra muda para o sujeito no curso da história. Assim, ele se transforma, a reverberar tal mudança na forma empregada, a refratar-se emotivo-volitivamente no social, em seus atos discursivos, tomado de posicionamentos axiológicos e ideológicos sobre temas da vida social, o que implica em diferentes formas de revalorar a palavra e constituir-se com e perante o outro pela mediação do discurso. Assim, a ampliação da consciência socioideológica e linguístico-enunciativo-discursiva se dá nas interações discursivas mediadas pelos enunciados, lugar em que significação abstrata da palavra é dilacerada pelos conflitos sociais gerados pelas tensões ideológicas em torno do tema e do que representa para grupos pertencentes à organização social. Por isso, a significação da palavra tem estabilidade e identidade provisórias, assim como o sujeito é provisório nos mesmos termos, do mesmo modo que a ideologia encarnada aos signos adentra a consciência, constitui avaliações em movência, a partir da luta de grupos, de classes.

Todos esses pressupostos são enunciativamente coerentes ao que postula Bakhtin (2014[1927]), em *Freudismo: um esboço crítico*. Como sintetiza Faraco (2009, p.87), nessa obra, no diálogo com a Psicologia, se “desenvolve uma exposição crítica de vários aspectos da teoria freudiana”. Bakhtin (2014[1927]) reconhece o mundo psíquico, seus conflitos, mas “recusa, [...] com base em argumentos sociológicos de certa inspiração marxista” (FARACO, 2009, p.87), o modo como Freud compreende o inconsciente. Por isso Bakhtin argui:

O conteúdo e a composição das camadas não-oficiais da ideologia do cotidiano (isto é, o conteúdo e a composição do inconsciente, segundo Freud) são condicionados pela época e por uma classe tanto quanto o são as camadas ‘censuradas’ e os sistemas da ideologia enformada (a moral, o direito, a visão de mundo) (BAKHTIN, 2014[1927], p.89).

A partir disso, no capítulo 9 de *Freudismo*, intitulado “O conteúdo da consciência como ideologia”,

Bakhtin se dedica a explicar como se dá a configuração sociológica das reações verbalizadas pelo sujeito. Afirma ser o meio social que dá ao homem as palavras, unindo-as a “determinados significados e apreciações” (BAKHTIN, 2014[1927], p.86). Por sua vez, esse mesmo meio social determina e controla as reações verbalizadas durante toda uma vida, de modo que “todo o verbal no comportamento do homem (assim como os discursos exterior e interior) de maneira nenhuma pode ser creditado a um *sujeito singular* tomado isoladamente, pois não pertence a ele, mas sim *ao grupo social* (ao seu ambiente social)” (BAKHTIN, 2014[1927], p. 86, grifos do autor).

Nesse sentido, muito importam os laços sociais mais amplos, longos e sólidos, a partir dos quais são elaborados “os elementos do conteúdo e as formas dos nossos discursos interior e exterior, todo o acervo de avaliações, pontos de vista, enfoques, etc., através dos quais lançamos luz, para nós mesmos e para os outros, sobre os nossos atos, desejos, sentimentos e sensações” (BAKHTIN, 2014[1927], p. 86). As premissas gerais que sustentam essa visão e convergem às relações entre consciência, sujeito, ideologia e linguagem estão dispostas no Quadro 2:

Quadro 2 – Premissas dispostas em *Freudismo: um esboço crítico* sobre a relação entre consciência, ideologia, linguagem e psiquismo

- “O conteúdo de nossa consciência e do psiquismo em seu conjunto verbalizado são determinados unicamente por fatores socioeconômicos” (BAKHTIN, 2014 [1927], p. 86).
- A tomada de consciência de si exige encontrar um determinado complexo verbal.
- A consciência de mim mesmo se constrói a partir de relações de alteridade com o outro, pois requer “olhar para mim pelos olhos de outra pessoa, de outro representante do meu grupo social, da minha classe” (BAKHTIN, 2014 [1927], p.87).
- A autoconsciência nos leva à consciência de classe.
- A palavra não pode ser estancada, pois a luta de classes se estabelece em seu interior, a promover o diálogo entre o homem e a sociedade, e a formar as subjetividades.
- Não há fronteiras entre o conteúdo do psiquismo individual e a ideologia enformada, pois “uma vivência individual conscientizada já é ideológica; [...] é já uma determinada elaboração ideológica do ser” (BAKHTIN, 2014 [1927], p.87).
- As enunciações concretas são construções ideológicas que refletem um acontecimento imediato.
- Os discursos interior e exterior correspondem à ideologia do cotidiano, que penetra nosso comportamento.
- Os conflitos psíquicos são, na verdade, conflitos ideológicos constituídos na existência social.

Fonte: Os autores (2022)

Como discutimos, Bakhtin (2014[1927]) não recusa a existência do psiquismo humano, mas defende que a consciência se forma socioideológica pela mediação da linguagem em (in) conformação com o que está ideologicamente enformado.

Já em “O que é linguagem?”, Volóchinov (2013a[1930], p. 141, grifos do autor) defende a linguagem como produto de uma atividade coletiva que “reflete em todos os seus elementos tanto a organização econômica como a sociopolítica da sociedade que a gerou”. Assim, coloca em foco as relações entre a vivência, a sensação, o discurso interior e a expressão, pela mediação da

entonação, o que nos leva a compreender, de forma mais ampla, a ideia de refração emotivo-volitiva do sujeito na palavra-enunciado.

O autor defende que “o crescimento da consciência determina o crescimento da linguagem, a quantidade de palavras, de expressões” (VOLÓCHINOV, 2013a[1930], p.145), ponto fulcral à discussão sobre as atividades epilinguísticas valorativas a serem apresentadas na segunda seção deste trabalho. Como discute complementarmente Freitas (1999),

a consciência faz com que o indivíduo eleve-se, no decorrer do processo de tornar-se sujeito, devido ao desenvolvimento das capacidades mentais superiores do ser, que tem sua gênese a partir da produção da linguagem, pois é a fala, ou a capacidade de operar com as palavras em forma de signos, que ontologicamente produz a consciência (FREITAS, 1999, p.24).

Quanto mais ampliada a consciência socioideológica, mais o sujeito necessita ampliar sua consciência linguístico-enunciativo-discursiva e vice-versa, pois é uma prerrogativa para que possa compartilhar posicionamentos axiológicos e ideológicos sobre temas nos enunciados que compreende/responde, com mais propriedade, qualidade, complexidade e consciência social. Isso porque “quanto mais o homem desenvolve sua capacidade de operar com a linguagem, mais ele se distancia da sua condição de ser natural e evolui em direção a ser social” (FREITAS, 1999, p.23), outro ponto importante à compreensão das atividades epilinguísticas.

Volochínov explica que, em nossa consciência, há uma “multicolorida caleça verbal que se move o tempo todo, quer afastando-se, quer aproximando-se ao tema fundamental, o problema sobre o qual estamos refletindo” (VOLOCHÍNOV, 2013a[1930], p. 147). Esse fluxo de linguagem interior, ou discurso interior, é inteiramente constituído pela dialogicidade. Como explica Volóchinov em “A construção do enunciado” (VOLÓCHINOV, 2019[1930], p. 274), mesmo nossos discursos verbais íntimos são “inteiramente dialógicos, penetrados de avaliações do seu ouvinte ou do seu auditório potencial”. Convocados a tomar uma decisão, nossa consciência fomenta reflexões e se divide em duas vozes independentes e contraditórias. Uma delas “*funde-se com nosso ponto de vista, com as avaliações e opiniões da classe a qual pertencemos*. A segunda voz sempre se torna aquela do representante mais típico e ideal de nossa classe social” (VOLÓCHINOV, 2019[1930], p. 275, grifos do autor). Do mesmo modo, em interação, para que o diálogo interior, que tem sua gênese nos já ditos, se exteriorize, é necessário que exista um outro para quem dizer, pois é a orientação social do enunciado e seu auditório que “forçam o discurso interior a atualizar-se em uma expressão exterior determinada” (VOLÓCHINOV, 2018[1929/1930], p. 221) e repleta de sentido.

Tanto o discurso interior quanto a expressão são perpassados de avaliações, apreciações, vozes rementes a consciências sociais possíveis sobre o tema, sendo a entonação a forma concreta de representação da avaliação consumada entre interlocutores – valoração. Qualquer expressão mínima nossa é totalmente sociológica, histórica, ideológica e cronotopicamente constituída e a entonação é o elo mais fino de compartilhamentos valorativos entre sujeitos em interação (VOLÓCHINOV, 2019[1926], [1930]), do mesmo modo que é fulcral ao discurso interior e à sensação, definida como limite inferior da expressão acabada. Essas relações estão sintetizadas no Quadro 3:

Quadro 3 – Premissas dispostas em “O que é linguagem?”, sobre a relação entre a consciência, a sensação, a entonação, o discurso interior e a expressão

A tomada de consciência de qualquer sensação necessita da “linguagem interior, de uma entonação interior e de um embrionário estilo interior” (VOLÓCHINOV (2013a [1930])).
A situação de interação com seus participantes organiza a sensação, determina a entonação, e esta, a seleção e a ordenação das palavras no todo do enunciado.
A sensação vem acompanhada de modificações corpóreas e essas do fluxo de nosso discurso interior, a partir do qual esclarecemos a nós mesmos o que está a acontecer.
A ideologia do cotidiano corresponde a todo conjunto de sensações cotidianas por nós sentidas.

Fonte: Os autores (2022)

É como se sentíssemos na carne, no sangue, o peso das vivências, o que dá sentido a nossos atos, nossos estados conscientes. A ideologia enformada prescreve o valor do signo, mas as vivências dizem se é possível ao sujeito aguentar a pressão do enformamento. Na solidão isolada, um indivíduo é só mais um, mas na sensação de dor, de inconformação coletiva, ele é sujeito que encontra respaldo social para ser e existir, militar por transformações sociais, o que requer questionar valores que colocam a si ou determinado grupo com o qual se identifica em situação de opressão, vulnerabilidade, desvantagem, discriminação. Esse lugar de sujeito socioconsciente o impulsiona a posicionar-se axiológica e ideologicamente na palavra-enunciado. E sem uma consciência socioideológica e linguístico-enunciativo-discursiva reflexa e racionalizada, o sujeito é conformado ou impotente.

A prática de análise linguística de perspectiva dialógica e a atividade epilinguística

No âmbito da LA do Brasil, a partir de Geraldi (1984, 1991)], a prática de análise linguística de perspectiva dialógica (PERFEITO, 2007; OHUSCHI, 2013; POLATO, 2017; ACOSTA PEREIRA, 2018; POLATO; MENEGASSI, 2017, 2019; OHUSCHI; FUZA; STRIQUER, 2020; SANTOS-CLERISI, 2020, MENDES-POLATO; OHUSCHI; MENEGASSI, 2020; MENDES-POLATO; MENEGASSI, 2021; ACOSTA PEREIRA; COSTA-HÜBES, 2021) constitui-se ininterruptamente a responder aos pressupostos e aos desenvolvimentos da concepção sociológica e dialógica de linguagem, renunciada por autores do Círculo de Bakhtin, por sua vez, reenunciada por pesquisadores brasileiros, sejam linguistas, linguistas aplicados e analistas dialógicos de discurso (RODRIGUES; ACOSTA PEREIRA, 2016; BRAIT, 2008; ACOSTA PEREIRA; BRAIT, 2020). A prática de análise linguística (PAL) de perspectiva dialógica também não se furta ao diálogo com outros trabalhos fundantes e inscritos em outras perspectivas teóricas (MENDONÇA, 2006; REINALDO, 2008).

Assim, constitui-se como abordagem pedagógica de aspectos linguístico-enunciativo-discursivos a tomar como unidades de análise e trabalho pedagógico os enunciados mobilizados em gêneros discursivos, com vistas à compreensão e à produção de discursos éticos, a partir de uma abordagem axiológica da língua/discurso (BAKHTIN, 2011[1979], 2008[1963], 2013[1940-1960];

POLATO; MENEGASSI, 2019). Todos os seus possíveis níveis de prática de análise linguística são abordados a partir de um plano dialógico e não somente lógico. Por isso, funda-se na necessidade absoluta de realizar interpretações estilísticas para as formas da língua, a partir da indissociável relação estilo-gramática num enunciado concreto (BAKHTIN, 2011[1979]; 2013[1940-1960]).

Como componente da PAL, as atividades epilinguísticas (FRANCHI, 1987; GERALDI, 1991) constituem-se em reflexões conscientes, mediadas pelo professor, ou apreendidas e realizadas pelos próprios alunos nos usos da linguagem, a considerar as dimensões linguísticas e extralinguísticas do enunciado. As atividades epilinguísticas constituem a haste sociológica da PAL e seu objetivo é mediar a compreensão, a apreensão e o uso de operações valorativas com e sobre a linguagem pelos sujeitos-alunos, na posição de (co)autores de linguagem, ou de leitores/ouvintes, ou produtores de textos orais e escritos em situação de educação linguística comprometida com a promoção da vida.

Como preconiza inicialmente Franchi (1987), a atividade epilinguística leva o aluno a operar sobre a linguagem, comparar expressões linguísticas e textuais por meio de possíveis transformações, experimentar novos modos de construção canônicos ou não, para investir as formas linguístico-textuais de novas significações. Essa atividade, ainda, propicia condições para o desenvolvimento sintático dos alunos, a tornar operacional e ativo um sistema a que já têm acesso, além de corroborar a estratificação do estilo próprio de linguagem. No plano metodológico, Franchi (1987) defende que a atividade epilinguística é sempre antecedente à atividade metalinguística, intensamente provocada e estimulada pelo professor, especialmente nos primeiros anos de escolaridade, para abrir as portas a um trabalho posterior com a metalinguagem.

Já para Geraldí (1991), a atividade epilinguística volta-se à compreensão de como se dá a construção das estratégias de dizer mobilizadas pelo autor de linguagem para compartilhar e estreitar um projeto intersubjetivo e posicionado de dizer com interlocutores constituídos, o que implica em refletir sobre como falamos a respeito do mundo e sobre nossa relação com os temas da vida social, a partir de dadas condições de produção. Para o autor, quanto mais evidente a consciência sobre as condições de produção de um enunciado e quanto mais desenvolvida a consciência linguístico-discursiva, mais operações discursivas com e sobre a linguagem o autor de linguagem concretiza na materialidade linguística. No bojo dessa compreensão, a atividade epilinguística propicia reflexões sobre o funcionamento da linguagem, sobre as configurações textuais-discursivas, sobre as escolhas lexicais e gramaticais, desdobradas em estruturas morfossintáticas, sintáticas e entonacionais entre outras (GERALDI, 1991).

Mendes-Polato e Menegassi (2020, 2021), com partida dos pressupostos teórico-metodológicos sobre as atividades epilinguísticas preconizados por Franchi (1987) e Geraldí (1991), propõem recuperação e reinterpretção dialógico-valorativa a essas atividades, como se formaliza no Quadro 4:

Quadro 4 – Atividades epilinguísticas valorativas

Atividades epilinguísticas valorativas	Justificativa e fundamentação dialógicas
Envolvem reflexões linguísticas e extralinguísticas que permitem a apreensão e a formulação de operações valorativas com e sobre a linguagem, a envolver aspectos textuais, linguístico-enunciativo-discursivos que servem ao projeto temático de dizer axiológico e ideológico compartilhado no enunciado.	Este é o princípio fundamental das atividades epilinguísticas valorativas a partir do qual todos os outros se desdobram. A compreensão da temática mobilizada no enunciado e do posicionamento axiológico demarcado sobre ela envolve avaliações construídas sócio-histórico, cultural e ideologicamente, que reverberam tensões sociais experimentadas no chão das vivências e se representam na linguagem. Se há tensões, há luta de interesses de indivíduos pertencentes a grupos nas relações sociais instituídas sob as bases de dada ordem socioeconômica. As operações valorativas das mais diversas ordens realizadas pelo autor de linguagem para defender um posicionamento axiológico sobre o tema são sua própria arma de luta, para a transformação das relações sociais (BAKHTIN, 2003; VOLÓCHINOV, 2013 a, b, 2018[1929]).
Envolvem todos os possíveis níveis de prática análise linguística, seja fonético, fonológico, morfológico, morfossintático ou sintático, a partir da relação estilo-gramática.	Em todos os níveis de prática de análise linguística, podem se concretizar operações com e sobre a linguagem, sob a guia da avaliação social. As palavras e outras semioses representam índices de valor nos enunciados, assim como as estruturas sintáticas encerram valorações e blocos entonacionais mais complexos, os conhecidos ideologemas.
Focam valorações atribuídas pela escolha da forma típica de enunciado – gênero discursivo.	Cada gênero da comunicação sociodeológica tem próprio tom, seu modo próprio de orientar-se à realidade. Assim, a escolha da forma é, também, uma escolha axiológica (BAKHTIN, 1988[1975]; MEDVIEDEV, 2019[1928]).
Promovem reflexões sobre as relações dialógicas, para compreensão das valorações atribuídas ao objeto/tema.	O enunciado mantém relações dialógicas com outros, visto ser resposta de embate ou reforço a já ditos. As tensões sociais constituem os enunciados pelo fio das relações dialógicas em torno do objeto do discurso (BAKHTIN, 2015[1975], 2011[1979]).
Auxiliam na compreensão de aspectos relacionados à entoação expressiva e à dialogicidade de vozes sociais que compõem o discurso.	A entoação expressiva é o traço mais evidente da avaliação social e, logo, o conduto de compartilhamentos valorativos. Relaciona-se à transformação da palavra alheia em palavra própria, à revalorização de ditos, à inserção valorada de vozes sociais no discurso autoral pela reacentuação, por sua vez também respondente ao tom do gênero mobilizador do discurso (VOLÓCHINOV, 2019[1926], [1930], 2018[1929]).
Levam a apreender ou a investir as formas linguísticas de novas significações.	A revalorização da língua ocorre nos enunciados que encerram interações discursivas mediadoras das relações sociais. A defesa de posicionamentos axiológicos e ideológicos corrobora consolidar transformações individuais e sociais. Por isso, as atividades epilinguísticas rebatem o arquivamento da língua e o enrijecimento da consciência socioideológica dos sujeitos (FRANCHI, 1987; GERALDI, 1991; VOLÓCHINOV, 2018[1929-1930]).
Promovem o enriquecimento do estilo próprio de linguagem.	Quanto mais o aluno reflete sobre os efeitos desta ou daquela escolha, para além de análises estritamente gramaticais, mais apreende e formula operações com e sobre a linguagem que corroboram tanto o enriquecimento da sua linguagem escrita e oral quanto a ampliação da sua consciência socioideológica e linguística (BAKHTIN, 2013[1940-1960]).
Tensionam e aceleram o diálogo interior e medeiam a formulação da expressão.	Ao instigar que o eu do aluno se constitua no diálogo com os outros representados no enunciado, a partir do confronto entre os seus próprios valores e os mobilizados no enunciado, a atividade epilinguística permite a expansão e ampliação do horizonte valorativo. Importa lembrar que esse diálogo é balizado por valores fundamentais como o respeito, a empatia, a não violência entre outros (POLATO; MENEGASSI, 2019b).

Fonte: Adaptado de Mendes-Polato e Menegassi (2021)

Por meio das atividades epilinguísticas valorativas, portanto, promove-se o elo entre a consciência socioideológica e a consciência linguístico-enunciativo-discursiva dos sujeitos-alunos, bem como suas respectivas expansões.

Na proposta de prática de análise linguística de perspectiva dialógica, adaptada de Mendes-Polato, Ohuschi e Menegassi (2020), na qual se inserem as atividades epilinguísticas valorativas, colocamos em maior evidência os passos fundamentais à compreensão e concretização das atividades epilinguísticas. A elaboração didática constitui-se num exemplo de prática possível, a desdobrar-se a partir das orientações do método sociológico para estudo da língua (VOLÓCHINOV, 2018[1929/1930]) e, por ser dialógica, não é fechada, de modo que pode ser adaptada pelo professor aos níveis de consciência socioideológica e linguístico-enunciativo-discursiva dos alunos. A análise do enunciado escolhido para trabalho pedagógico “São fáceis porque são pobres” desdobra-se no íterim das discussões teórico-metodológicas para que se estabeleça a práxis. Inicialmente, apresentam-se questões reflexivas que colocam em evidência as valorações cumulativas das dimensões extralinguísticas do enunciado – o cronotopo, no Quadro 5, a esfera ideológica de comunicação e a situação de interação, no Quadro 6. Por último, em movimento que responde a essa compreensão, lançam-se as atividades epilinguísticas no Quadro 7, para que os alunos reflitam sobre o modo como as valorações cumulativas das camadas extralinguísticas se concretizam na materialidade linguística, na forma de operações discursivas e valorativas.

Exemplo de prática de análise linguística com atividades epilinguísticas no Ensino Médio

A enunciação nova e as relações dialógicas no cronotopo do mundo e da sala de aula

Ao apresentar ao aluno o enunciado em torno do qual a interação se concretiza em sala de aula, “suscita-se o estabelecimento de relações dialógicas com os discursos participantes da consciência socioideológica dos alunos e estabelecem-se possíveis relações dialógicas com enunciados já-ditos” (MENDES-POLATO; OHUSCHI; MENEGASSI, 2021, p. 141). O professor apresenta, em primeiro plano, a declaração do deputado Arthur do Val, “São fáceis, porque são pobres” e inicia o estudo da língua/discurso em sala de aula.

A abertura ao diálogo se dá partir de questões que envolvem os “cronotopos reais desse mundo que representa” (BAKHTIN, 2018 [1975], p. 230). Como fio condutor dos acontecimentos da vida e dos acontecimentos discursivos (ACOSTA PEREIRA; BRAIT, 2020), o cronotopo representa a relação indissociável, porém não fundida de tempo-espço. O tempo é seu fio condutor e se derrama sobre os diferentes espaços sociais (BAKHTIN, 2018[1975]), a constituir índices de identidade aos sujeitos e a consubstanciar práticas. Tanto os sujeitos quanto os enunciados que produzem são valorativamente constituídos no grande cronotopo do mundo real, assim como esse é representado no enunciado. Como ensina Medviédev (2019 [1928]), os temas discursivizados nos enunciados são apreendidos, em tensão, das circunstâncias espaciotemporais e exauridos sob dado ponto de vista nos enunciados, a formar seu conteúdo temático, que “não depende exclusivamente da

vontade do sujeito que enuncia, mas dessa vontade engendrada às condições dadas pelo cronotopo” (OLIVEIRA; ACOSTA PEREIRA, 2020, p. 247).

Sobre o que está tematizado no enunciado “São fáceis, porque são pobres”, a partir do cronotopo, sabemos que é de dimensão histórico-temporal secular o problema da violência e do desrespeito às mulheres nas sociedades em geral. No âmbito de construções sociais e culturais legitimadas pelo modo de produção capitalista, uma sorte de abusos manifesta-se na forma de opressão, dominação, violência verbal, física, simbólica, sexual e outras contra as mulheres. Conforme problematiza Louro (1995), as múltiplas formas que podem assumir as masculinidades e as feminilidades, bem como as complexas redes que perpassam as instituições, os discursos, as práticas e os signos, constituem hierarquias, de modo que ser do gênero feminino ou masculino implica na constituição de diferenças e na distribuição do poder em sociedade.

Nesse grande cronotopo, constituído na historicidade de relações sociais patriarcais, que sustentam e fomentam a ideia de submissão da mulher ao homem no contexto social, cultural e ideológico, sob a falsa ideia de proteção e cuidados (SAFIOTTI, 2015), o enunciado escolhido apresenta um posicionamento axiológico e ideológico machista, porque enseja uma imagem de homem como predador, que avalia as mulheres como presas fáceis, aliada à imagem de mulher objetificada e condicionada a servi-lo sexualmente, no caso específico do cronotopo do enunciado, em razão da vulnerabilidade financeira. Se numa situação normal proferir “São fáceis, porque são pobres” já representa uma declaração machista, agrava-se o fato de o deputado ter proferido esse enunciado em razão de ter viajado à Ucrânia, em 2022, para *marketing* político vinculado à oferta de proteção e ajuda humanitária, num cronotopo de guerra em que as mulheres ucranianas se encontram em vulnerabilidade plena, buscando refugiar-se em outros países para sobreviver a inúmeras barbáries, como o perigo eminente de morte, a fome, a ameaça, o desabrigo, a exposição a situações extremas de violência, a desfragmentação familiar, a incluir a barbárie da violência sexual e da exploração da sexualidade como moeda de troca para preservação da vida, para atenuação da fome. O enunciado, portanto, tematiza um importante aspecto agravador da objetificação sexual da mulher, que são as assimetrias culturais de gênero, atreladas às bases socioeconômicas, no caso específico, agravadas pela guerra, onde se instituem relações de poder e dominação brutais.

Consciente desse problema social que precisa ser compreendido e combatido, de uma posição não neutra, o professor incita o diálogo com perguntas que permitem uma avaliação social do tema no cronotopo contemporâneo, para que posteriormente se compreenda como ele se representa axiológica e ideologicamente no conteúdo temático e nas escolhas estilístico-gramaticais da declarativa do deputado. No Quadro 5, dispomos atividades reflexivas relacionadas ao cronotopo, na coluna da esquerda, e a interpretação dialógica que rege sua elaboração, na coluna à direita.

De modo geral, as questões dispostas no Quadro 5, vinculadas ao cronotopo do enunciado em análise, promovem a possibilidade de expansão e ampliação da consciência socioideológica dos sujeitos alunos pela tríade: avaliação social do tema – relações dialógicas – valoração, quando efetivadas em interação social e discursiva em contexto de ensino em sala de aula.

Quadro 5 – Atividades epilinguísticas e relações dialógicas no cronotopo do mundo e da sala de aula

1) A violência verbal, sexual, e outras contra as mulheres é comum no Brasil e no mundo? Quais discursos são ouvidos e lidos sobre o tema? Socialize aos colegas de sala.	A questão propõe uma avaliação social ampla do tema pelas relações dialógicas instituídas com os discursos participantes da consciência socioideológica dos sujeitos alunos, de modo a promover a ampliação dessa consciência sobre a dimensão do tema-problema no mundo, no Brasil.
2) Qual valor a declaração “São fáceis, porque são pobres”, feita pelo deputado, recebe no contexto em que as mulheres ucranianas sofrem o peso e as consequências da guerra?	Vincula a avaliação social do tema ao cronotopo específico da guerra e amplia a consciência socioideológica do sujeito aluno acerca da violência ou da exploração sexual das mulheres submetidas a essa situação.
3) Leia a nota lançada pela Sociedade Ucraniana do Brasil (SUBRAS), para repudiar a declaração do deputado. Como a sociedade ucraniana qualifica a declaração? A nota é acessada em: https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/03/05/comunidade-ucraniana-repudia-fala-de-arthur-do-val-que-afirmou-que-mulheres-do-pais-sao-faceis-porque-sao-pobres.ghtml .	A questão coloca o enunciado de análise em relação dialógica com outro que representa uma contrapalavra de refutação, a mostrar que enunciados constituem elos da cadeia do discurso, que encerram posicionamentos axiológicos e ideológicos. Nesse ínterim, abordam-se as valorações que servem à sua expressividade. No caso da nota, pode-se refletir porque a SUBRAS avalia os áudios do deputado como tenebrosos, repugnantes e desrespeitosos. No confronto de diferentes posicionamentos, expande-se a consciência socioideológica do sujeito aluno.
4) A violência e o desrespeito contra a mulher são problemas sociais graves, antigos e que perduram no tempo? Avalie e argumente sobre a questão.	A questão solicita que o sujeito aluno avalie a amplitude histórico-temporal do tema e expanda seu horizonte valorativo.
5) A objetificação e a exploração sexual da mulher se acirra em contexto de guerra? Avalie e argumente sobre a questão.	A questão põe foco às tensões que se estabelecem em torno do tema no cronotopo da guerra.

Fonte: Os autores (2022)

A esfera ideológica de comunicação e a situação original de produção do enunciado

As práticas sociais e discursivas ocorrem subjacentes às diferentes esferas ideológicas de comunicação. Cada esfera ideológica da comunicação ou “campo da criação ideológica possui função específica na unidade da vida social” (VOLÓCHINOV, 2018[1929], p. 03). Assim, as esferas

[...] não apenas saturam e significam os enunciados de determinadas projeções ideológicas, valorativas e de sentidos como, em adição, os consubstanciam de determinadas condições de produção e finalidades discursivas, que se materializam no conteúdo temático, no estilo e na composição (ACOSTA PEREIRA; RODRIGUES, 2010, p.03).

Inseridas às esferas, configuram-se as situações de interação discursiva específicas, que por sua vez regularizam as mesmas projeções valorativas e ideológicas refratadas pela esfera. O sentido, portanto, é dependente tanto da situação mais próxima que gerou o enunciado quanto “de todas as causas e condições sociais mais longínquas da comunicação discursiva” (VOLÓCHINOV, 2019, p. 283). A situação extraverbal integra o sentido dos enunciados e se compõe de “o *espaço* e o *tempo* do acontecimento do enunciado (...), o *objeto* ou o *tema* do enunciado (...) e a relação dos falantes com o ocorrido” (VOLÓCHINOV, 2019[1930], p. 285, grifos do autor), isto é, a avaliação social valorativa.

O áudio do deputado Arthur do Val, com o enunciado “São fáceis, porque são pobres”, foi publicado na esfera ideológica da comunicação virtual e depois ganhou a esfera midiática social ampla. Nele se encerra uma avaliação que compõe um rol de outras dispostas num grupo de *WhatsApp* de amigos políticos, todos homens, interlocutores com os quais o autor se sente confortável em

compartilhar avaliações machistas sobre as mulheres ucranianas⁴. Na esfera da comunicação virtual, o enunciado é lançado no privado, mas ultrapassa essa fronteira para constituir-se público-privado. As declarações vazadas foram publicizadas na imprensa em geral, nas redes sociais e, dentre elas, “São fáceis, porque são pobres” tornou-se um ideologema⁵ de grande expressão social, a suscitar contrapalavras de refutação, nos mais diversos segmentos da sociedade.

A declaração foi polemizada como expressão de conteúdo machista, desrespeitoso, e imprópria a um autor deputado, homem público. Nesse contexto específico, o signo “fáceis” é uma avaliação que ganha contornos de insensibilidade e desrespeito profundo às mulheres ucranianas refugiadas. No Quadro 6, expomos as questões norteadoras das reflexões sobre a importância da esfera da comunicação ideológica e da situação de interação específica que forma a atmosfera axiológica do enunciado. Depois de dialogar com os sujeitos alunos sobre a importância das esferas da comunicação virtual e midiática e sobre a importância da situação de interação em que o enunciado é gerado, o professor lança questionamentos para que expandam suas consciências socioideológica e linguístico-enunciativo-discursiva sobre essas duas camadas da dimensão extralinguística do enunciado.

Quadro 6 – Atividades epilinguísticas e a esfera ideológica e situação de produção do enunciado

6) Por que a declaração do deputado Arthur do Val “São fáceis, porque são pobres” ganhou a dimensão social de amplo alcance? Avalie e argumente sobre a questão.	Estabelece uma reflexão sobre a dimensão social ampla que pode tomar a comunicação registrada em ambiente virtual e expande a consciência socioideológica e enunciativa sobre a importância da esfera ideológica de comunicação virtual.
7) Por que a declaração “São fáceis, porque são pobres”, aplicada às mulheres ucranianas, compromete o papel social de seu autor? Avalie e argumente sobre a questão.	Promove reflexão sobre o papel social do sujeito autor que enuncia e sobre o ato responsável que pratica ao enunciar. Com isso, expande-se a consciência socioideológica e enunciativa.
8) Qual reflexão o vazamento do áudio do deputado nos deixa sobre a comunicação virtual registrada?	Expande a consciência socioideológica e enunciativa sobre o registro de posicionamentos axiológicos e ideológicos em áudios compartilhados em aplicativos de trocas de mensagens, como o Whatsapp.
9) Por que o deputado compartilhou avaliações machistas sobre as mulheres ucranianas com naturalidade em seu grupo de WhatsApp?	Expande a consciência socioideológica e enunciativa sobre a situação específica de interação que compõe a atmosfera axiológica do enunciado e sobre o papel dos interlocutores reais constituídos.
10) Por que a declaração do deputado parecia natural entre amigos, mas não foi recebida com naturalidade no meio social mais amplo?	Expande a consciência socioideológica e enunciativa sobre o papel dos diferentes interlocutores na avaliação compartilhada.

Fonte: Os autores (2022)

Depois de promover reflexões sobre a dimensão extralinguística do enunciado, chega-se ao momento de abordar as relações estabelecidas entre o plano da língua (nível micro) e o da enunciação (nível macro), assim “interpretar que sentidos cria a junção contextual da materialidade e do ato enunciativo” (SOBRAL; GIACOMELLI, 2016, p. 1092). Nesse aspecto, o professor promove atividades epilinguísticas valorativas para que os alunos compreendam a língua/discurso em sua integridade viva.

4 As informações foram extraídas da análise dos áudios publicados na imprensa: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/03/05/comunidade-ucraniana-repudia-fala-de-arthur-do-val-que-afirmou-que-mulheres-do-pais-sao-faceis-porque-sao-pobres.ghtml>.

5 Para Machado (2020, p. 158), ideologema “refere-se à realização do discurso concreto da palavra situada no campo enunciativo tendo como chave conceitual a distinção de seus acentos e entonações. Nesse sentido, o ideologema é construção do ideólogo responsável pelo discurso que enuncia”.

Quadro 7 – Atividades epilinguísticas valorativas para o enunciado “São fáceis, porque são pobres”

11) Qual palavra no enunciado “São fáceis, porque são pobres” representa uma avaliação sobre as mulheres ucranianas que despertou o repúdio da sociedade? Por que é possível identificá-la?	AEV de localização de um ressaltado valorativo no discurso, a partir da situação imediata de interação, que estabelece um elo entre o extralinguístico e o linguístico, a favorecer tanto ECS quanto a ECLED (VOLÓCHINOV, 2013a[1930], 2018[1929/1930], 2019[1930]).
12) Ao afirmar que mulheres são “fáceis”, o homem se coloca numa posição de dominador, de predador? Avalie e argumente sobre a questão.	AEV de reflexão sobre a valoração, a partir das situações amplas de interação discursiva, a promover a ECS e a ECLED, por instigar a compreensão de papéis sociais e atos de linguagem, constituídos com ancoragem em valores fundamentais, a questioná-los (VOLÓCHINOV, 2013a[1930], 2018[1929/1930], 2019[1930]).
13) Por que a expressão “mulheres fáceis” ainda é comum na sociedade? Avalie e argumente sobre a questão.	Idem.
14) Por que o fato de serem “pobres” é fator determinante para a exploração sexual de muitas mulheres no mundo?	AEV de reflexão sobre a relação entre valoração e um fato social, que promove a ECS e a ECLED, a partir das situações amplas de interação discursiva (VOLÓCHINOV, 2013a[1930], 2018[1929/1930], 2019[1930]).
15) Em que medida, o fato de as mulheres ucranianas serem/estarem “pobres” é fator determinante para sua exploração no contexto da guerra?	AEV de reflexão sobre a relação entre valoração e um fato social, que promove a ECS e a ECLED, a partir de situação específica de interação discursiva (VOLÓCHINOV, 2013a[1930], 2018[1929/1930], 2019[1930]).
16) Por que a expressão “homens fáceis” não é comumente aplicada na sociedade?	AEV de reflexão ancorada em permuta, que estabelece um elo entre uma avaliação comumente aplicada a um grupo/objeto e não a outro. Promove a ECS e a ECLED, a partir das situações amplas de interação discursiva, com ancoragem em valores fundamentais, a subvertê-los (VOLÓCHINOV, 2019[1926], 2019[1930]).
16) Por que a expressão “homens fáceis” não é comumente aplicada na sociedade?	AEV de reflexão ancorada em permuta, que estabelece um elo entre uma avaliação comumente aplicada a um grupo/objeto e não a outro. Promove a ECS e a ECLED, a partir das situações amplas de interação discursiva, com ancoragem em valores fundamentais, a subvertê-los (VOLÓCHINOV, 2019[1926], 2019[1930]).
17) Tome-se por base a declaração do deputado: “São fáceis, porque são pobres”. Considere possíveis substituições da palavra “fáceis” por outras palavras ou expressões e responda: em que medida os sentidos mudam? a) São desfrutáveis, porque são pobres. b) São sexualmente disponíveis, porque são pobres. c) São vulneráveis, porque são pobres.	AEV de reflexão sobre diferentes efeitos dados por substituição de palavras ou expressões similares ou aproximadas e que promovem a ECLED e investem a língua de novas significações (FRANCHI, 1987), a enriquecer o estilo de linguagem dos alunos à expressividade (BAKHTIN, 2013[1940-1960]).
18) Ao afirmar que as mulheres são fáceis porque são pobres, o deputado Arthur do Val faz uma associação lógica entre ser pobre e estar disponível à exploração sexual? Por que, em termos sociais, essa argumentação lógica é possível? Avalie e argumente sobre a questão.	AEV de interpretação estilística sobre os efeitos lógicos da estrutura sintática mobilizada e que estabelece um elo entre a entonação gramatical, aqui considerada como limite inferior da entonação expressiva (VOLÓCHINOV, 2013b [1930]), a interligar a compreensão lógica e dialógica. Promovem-se a ECS e a ECLED.
19) A construção sintática “São fáceis, porque são pobres” encerra uma relação causal, que mostra como causa e consequência se inter-relacionam. Forme grupos de quatro colegas e dramatize a expressão original e outras variantes possíveis. Discuta com seus colegas: o que muda em termos entonacionais e nos sentidos? Anote e socialize à turma, quando o professor solicitar. a) Original: São fáceis, porque são pobres. b) São pobres, logo são fáceis. c) São fáceis: pobres. d) São fáceis, visto serem pobres.	AEV de interpretação estilística dos efeitos dados pelas formas sintáticas parecidas estabelece elos entre a sensação e a expressão e promove a ECLED sobre os usos e efeitos possíveis dos períodos compostos, assim como instiga a reflexão sobre os efeitos de sentido decorrentes de diferentes escolhas sintáticas. (FRANCHI, 1987, VOLÓCHINOV, 2019[1926], 2019[1930]); BAKHTIN, 2013[1940-1960], 2014[1927]).
20) Por que a expressão “São fáceis, porque são pobres” parece mais adequada de ser compartilhada em um áudio de WhatsApp do que a expressão “São fáceis, visto serem pobres”?	AEV de interpretação estilística, com foco à adequação entonacional, lógica e dialógica da estrutura sintática à situação de interação específica de interação discursiva (BAKHTIN, 2013[1940-1960]), a promover a ECS e a ECLED.
21) A considerar a nota da Sociedade Ucraniana Brasileira em resposta à declaração do deputado, qual é o valor que “fáceis” tem para essa associação?	AEV de reflexão sobre a valoração a partir do estabelecimento de relações dialógicas com outros enunciados (VOLÓCHINOV, 2018[1929/1930]; BAKHTIN, 2008[1963]).
22) Por que a declaração “São fáceis, porque são pobres” parece mais adequada de ser compartilhada em um áudio de WhatsApp de amigos homens machistas do que ao grande público brasileiro?	AEV de avaliação social do ato enunciativo e da entonação na situação de interação específica e na situação ampla, que promove tanto a ECS quanto a ECLED (VOLÓCHINOV, 2013a[1930], 2018[1929-1930], 2019[1930]).

Fonte: Os autores (2022)

No Quadro 7, usamos as siglas a) AEV para atividade epilinguística valorativa; b) ECS para expansão da consciência socioideológica; c) ECLED para expansão da consciência linguístico-enunciativo-discursiva.

As atividades epilinguísticas valorativas se dão a partir de várias categorias, justificadas no Quadro 7, na coluna direita. As perguntas são ordenadas de forma que os alunos expandam seus horizontes apreciativos sobre o tema, a partir do cronotopo, da esfera ideológica de comunicação e da situação de interação, assim como ampliem suas consciências socioideológica e linguístico-enunciativo-discursiva, a apreender e efetivar operações com e sobre a língua, axiológica e ideologicamente mobilizadas à produção de sentidos na compreensão integral do enunciado. Em estudo que ultrapassa a compreensão da estrutura e da entonação gramatical lógica causal que a mobiliza, o percurso medeia reflexões para que o aluno avance à compreensão das relações dialógicas. “São fáceis, porque são pobres” só é um enunciado possível porque diz de relações sociais, de práticas em que mulheres sofrem exploração sexual por serem pobres. Da mesma forma, necessita-se refletir sobre a valoração que se concretiza em “fáceis” e “pobres”.

No Quadro 7, explicita-se a expansão concomitante das consciências socioideológica e linguístico-enunciativo-discursiva pela mediação de diferentes categorias de atividade epilinguísticas valorativas.

Considerações finais

Discutimos como se formam as consciências socioideológica e linguístico-enunciativo-discursiva, da mesma forma, como se estabelece a relação de interdependência entre elas pela mediação da atividade epilinguística valorativa, inserida a uma prática prospectada de análise linguística de perspectiva dialógica.

As discussões teóricas são confirmadas na prática desenvolvida, a partir da qual apontamos caminhos teórico-metodológicos para considerar a ligação indissolúvel entre dimensão extralinguística e linguística do enunciado, com base no método sociológico de estudo da língua proposto por Volóchinov (2018[1929-1930]). Estabelecemos uma proposta de elaboração didática, que promove a avaliação social do tema da violência de gênero naturalizada contra as mulheres, a partir de valorações cumulativas dadas pelo cronotopo, pela esfera ideológica de comunicação discursiva e pela situação próxima de interação e que chega à materialidade linguística, considerando-a axiologicamente reflexa das relações sociais encerradas no enunciado.

Assim, apontamos como diferentes categorias de atividades epilinguísticas valorativas corroboram a expansão das consciências socioideológica e linguístico-enunciativo-discursiva de sujeitos alunos do Ensino Médio, em sala de aula.

Referências

- ACOSTA-PEREIRA, R.; RODRIGUES, R. H. Os gêneros do discurso sob perspectiva da Análise Dialógica de Discurso do Círculo de Bakhtin. **Revista Letras**, Santa Maria, n. 40, v. 20, p. 147-162, 2010.
- ACOSTA PEREIRA, R. A prática de análise linguística nas aulas de língua portuguesa: por uma ancoragem dialógica. **RevLet –Revista Virtual de Letras**, Jataí-GO, n.1, v.10, p. 182-200, 2018.
- ACOSTA PEREIRA, R.; OLIVEIRA, A. Análise dialógica do conteúdo temático em gêneros do discurso. **Revista Educação e Linguagens**, Campo Mourão-PR, n. 16, v.9, p. 245-264, 2020.
- ACOSTA PEREIRA, R.; COSTA-HÜBES, T. C. (org.). **Práticas de análise linguística nas aulas de Língua Portuguesa**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021.
- ACOSTA PEREIRA, R.; BRAIT, B. A valoração em webnotícias direcionadas às mulheres. **Revista da Anpoll**, Florianópolis-SC, n. 2, v. 51, p. 89-107, 2020.
- BAKHTIN, M. M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução do russo, notas e prefácio: Paulo Bezerra. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008[1963].
- BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. Tradução: Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011[1979].
- BAKHTIN, M. M. **Questões de estilística no ensino de língua**. Tradução: Sheila Grillo; Ekaterina V. Américo. São Paulo: Editora 34, 2013[1940-1960].
- BAKHTIN, M. M. **Freudismo**: um esboço crítico. Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: Perspectiva, 2. ed. 2014[1927].
- BAKHTIN, M. M. O discurso no romance. *In*: BAKHTIN, M. **Teoria do romance I**. a estilística. Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015[1934-1935], p. 19-167.
- BAKHTIN, M. M. **Teoria do romance II**: As formas do tempo e do cronotopo. Tradução, posfácio e notas: Paulo Bezerra. São Paulo: Editora, 34, 2018.
- BRAIT, B. Análise e teoria do discurso. *In*: BRAIT, B. (org.). **Bakhtin**: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2008. p. 9-32.
- COSTA-HÜBES, T. C. 2017. Prática de análise linguística no ensino fundamental e sua relação com os gêneros discursivos. **PERcursos Linguístico**, n.7, v.14, p. 270–294, 2021.

FARACO, C. A. **Linguagem & Diálogo**: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FRANCHI, C. Criatividade e gramática. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas-SP, v. 9, p. 5-45, 1987.

FREITAS, A. F. **Palavra**: signo ideológico. Maceió: EDUFAL, 1999.

GERALDI, J. W. **Portos de passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

GERALDI, J. W. Deslocamentos no ensino: de objetos a práticas, de práticas a objetos. *In*: GERALDI, J. W. **A aula como acontecimento**. São Carlos: Pedro & João Editores, p. 71-80, 2010.

LOURO, G. Gênero, história e educação: construção e desconstrução. **Revista Educação e realidade**. v. 20, n. 2, 1995, p. 101-132. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71722/40669>> Acesso em: 10 de set. 2020.

MENDES-POLATO, A. D.; OHUSCHI, M. C. G.; MENEGASSI, R. J. Análise linguística em charge: sequência de atividades dialógicas. **Línguas & Letras**, Cascavel, n. 49, v. 21, p. 127-154, 2020.

MENDES-POLATO, A. D.; MENEGASSI, R. J. Atividades epilinguísticas valorativas em prática de análise linguística de perspectiva dialógica. *In*: ACOSTA PEREIRA, R.; COSTA-HÜBES, T. C. (org.). **Práticas de análise linguística nas aulas de Língua Portuguesa**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021, p. 183-218.

MENDONÇA, M. Análise linguística no Ensino Médio: um novo olhar, um outro objeto. *In*: Clecio Bunzen; Márcia Mendonça. (org.) **Português no Ensino Médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006, p. 199-227.

MIOTELLO, V. Ideologia. *In*: BRAIT, B. (org.). **Bakhtin**: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2008. p. 79-102.

OHUSCHI, M. C. G. **Ressignificação de saberes na formação continuada**: A responsividade docente no estudo das marcas linguístico-enunciativas dos gêneros notícia e reportagem. 302f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem), Universidade Estadual de Londrina, Londrina-PR, 2013.

OHUSCHI, M. C. G.; FUZA, A. F.; STRIQUER, M. dos S. D. Análise linguística dialógica em anúncio publicitário. *In*: FRANCO, N.; ACOSTA-PEREIRA, R.; COSTA-HÜBES, T. da C. (org.). **Estudos dialógicos da linguagem**: reflexões teórico-metodológicas. Campinas-SP, Pontes, 2020, p. 213-240.

POLATO, A. D. M. **Análise linguística**: do estado da arte ao estatuto dialógico. 231f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá-PR, 2017.

POLATO, A. D. M.; MENEGASSI, R. J. O estilo verbal como o lugar dialógico e pluridiscursivo das relações sociais: um estatuto dialógico para a análise linguística. **Bakhtiniana** - Revista de Estudos do Discurso, São Paulo, n. 12, v. 2, p. 123-143, 2017.

POLATO, A. D. M.; MENEGASSI, R. J. O estatuto dialógico da análise linguística: caracterização teórico-pedagógica. **Acta Scientiarum**: Language and Culture, n. 2, v. 41, p. 1-12, 2019.

POLATO, A. D. M.; MENEGASSI, R. J. Atividades linguísticas, epilinguísticas e metalinguísticas: expansão dialógica. **Revista de Estudos da Linguagem**. n.2, v. 29, p. 1-41, 2020.

PERFEITO, A. M. Concepções de linguagem e análise linguística: diagnóstico para propostas de intervenção. *In*: ABRAHÃO, M. H. V.; GIL, G; RAUBER, A. S. (org.). I CLAFPL -Congresso latino-americano sobre formação de professores de línguas. **Anais**. Florianópolis, UFSC, 2007, p. 824-836.

RODRIGUES, R. H.; ACOSTA-PEREIRA, R. (org.). **Estudos dialógicos da linguagem e pesquisas em Linguística Aplicada**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2016.

REINALDO, M. A. G. M. Tarefas relativas a conhecimentos linguísticos no ensino médio: o que se prescreve e o que se faz. **Acta Scientiarum**, Maringá-PR, n. 2, v. 30, p. 159-168, 2008.

SANTOS-CLERISI, G. D. **Reverberações dos estudos dialógicos da linguagem no discurso da BNCC**: em torno do objeto discursivo prática de análise linguística/semiótica. 328f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-graduação em linguística, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis-SC, 2020.

SOBRAL, A. U.; GIACOMELLI, K. Elementos sobre as propostas de Voloshinov no âmbito da concepção dialógica de linguagem. *In*: RODRIGUES, R. H.; ACOSTA-PEREIRA, R. (org.). **Estudos dialógicos da linguagem e pesquisas em Linguística Aplicada**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2016. p. 141-162.

SAFFIOTI, H. **Gênero, patriarcado e violência**. 2. ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2015.

VOLOCHÍNOV, V. Que é a linguagem? *In*: VOLOCHÍNOV, V. N. **A construção da enunciação e outros ensaios**. Organização, tradução e notas: João Wanderley Geraldi. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013a[1930], p. 131-156.

VOLOCHÍNOV, V. Sobre as fronteiras entre a poética e a linguística. *In*: VOLOCHÍNOV, V. N. **A construção da enunciação e outros ensaios**. Organização, tradução e notas: João Wanderley Geraldi. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013b[1930], p. 213-250.

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário: Sheila Grillo; Ekaterina V. Américo. São Paulo: Editora 34, 2018[1929/1930].

VOLÓCHINOV, V. A palavra na vida e a palavra na poesia: para uma poética sociológica. *In*: VOLÓCHINOV, V. **A palavra na vida e a palavra na poesia**: ensaios, artigos, resenhas e poemas. Tradução: Sheila Grillo; Ekaterina Vólvoa Américo. São Paulo: Editora 34, 2019[1926], p. 109-146.

VOLÓCHINOV, V. 2019 [1930]. Estilística do discurso literário II: A construção do enunciado. *In*: VOLÓCHINOV, V. N. **A palavra na vida e a palavra na poesia**: ensaios, artigos, resenhas e poemas. Tradução: Sheila Grillo; Ekaterina Vólvoa Américo. São Paulo: Editora 34, 2019, p. 266-305.